

O proletariado e a inteligência

O sr. Fernando Emídio da Silva pronunciou na sessão inaugural da Associação dos Escritores e Jornalistas Portugueses um discurso, que agora o *Diário de Notícias* publicou na íntegra com o mesmo título que tomamos. E lá vimos, pela leitura do discurso, a razão justificativa da sua publicação no jornal da Moagem. E' por isto: o discurso do sr. Silva é uma defesa da rapacidade infame com que nos mimoseou a burguesia. A isso chamou o orador a defesa da burguesia, a qual no dizer do seu apologeta "tem sempre felizmente o amparo dos seus dois fiéis e prestimosos aliados: a propriedade e a herança".

O mal para o autor do discurso não está em a burguesia se ter de rendido, carregando para cima dos outros, os produtores e os consumidores, mas em as outras classes e no caso restrito de que tratava a intelectual, não ter podido fazer o mesmo! A seguir entende que o operariado se defendeu como a burguesia e que a sua preponderância é tal que o sindicalismo aspira já a ser governo. Duas afirmações que não podem passar sem reparo.

A primeira é falsa: o operariado não se defendeu como a burguesia. Não roubou, não explorou ninguém. Isso só a burguesia o fez e não num legítimo direito de defesa, mas com um intuito especulativo e explosivo, visto que muitos dos burgueses enriqueceram. A segunda afirmação, pelo menos pelo que diz respeito ao sindicalismo revolucionário, portanto ao sindicalismo português, também não é verdadeira. O sindicalismo não quer fazer a conquista do poder, não aspira a ser governo.

Quanto diz em seguida sobre as vantagens da associação e a necessidade de os intelectuais se organizarem está certo. Porém, neste caso dos escritores e jornalistas, a verdade é que se não respeitaram os princípios sindicalistas, visto que o novo sindicato saiu fora dos moldes sindicais. Assim, não só nesse sindicato são admitidos jornalistas não profissionais, que já não fazem jornalismo, como são admitidos directores de jornais, tantas vezes com interesses opostos aos dos outros jornalistas, sobretudo quando eles são os proprietários das respectivas gazetas. Que diabo de defesa de interesses profissionais pode esse sindicato fazer? Os interesses que pode defender são apenas aqueles de ordem muito geral em que as próprias empresas jornalísticas ou editoriais estejam de acordo. E no entanto pelo discurso do sr. Emídio da Silva parece deduzir-se que não havia já um sindicato de profissionais de imprensa onde os jornalistas que aceitam os princípios sindicalistas estavam já filiados.

Pois precisamente porque há um espírito reaccionário em certa espécie de jornalistas e esses se recusam sistematicamente a fazer parte do sindicato profissional para não estarem ligados a C. G. T., por aversão à organização operária, é que o novo sindicato surgiu. Vê-se, pois, que o espírito da nova associação é muito diferente e talvez esta, tendo lá dentro o sr. Emídio da Silva, que como jornalista e escritor profissional, é um ilustre director do Banco de Portugal, esteja disposta a defender-se tal qual como a burguesia e de mãos dadas com ela.

Pelo contrário, nós entendemos que os intelectuais, jornalistas, professores, médicos, arquitectos, engenheiros, artistas todos se devem syndicar, mas sem de forma nenhuma repudiarem o contacto, a solidariedade, a adesão, enfim, à organização de todas as classes trabalhadoras, regosijando-se até com o facto de não serem por elas repelidas como o eram nos primeiros tempos do sindicalismo em que este por tática defensiva lhes não permitia a filiação nas Confederações do Trabalho. Assim é que está certo.

CARTA DO PORTO O MILITARISMO NA POLITICA

A ditadura militar e a ditadura das oligarquias financeiras

Terminados o regaço, o deboche e o esbanjamento que o imundo Carhal nos acabou de prodigalizar — a cujo Entrudo se associaram, na medida do possível, os próprios "basfonds" da hierarquia social, em vez de se soerguerem num impeto de protesto contra tanta pagodeira, tanto desatino, tanto desperdício a contrastarem horrivelmente com a colossal "crise" de trabalho — voltaram as conversas sobre a politica indigena.

Após as pavorosas incongruências da D. Folia que prefaciaram o hipocrito periodo quaresmal por onde deslizamos — segue-se os sedícios cantochões da salvação da pátria, da ingente necessidade de, por uma vez, se varrer toda essa entulheira que empesta o nosso ambiente politico e social.

Aqui, como um pouco por toda a parte, também a opinião militarista mete a sua colherada. Há um grupo de militares graduados, que uns dizem ser muito forte e outros de secundária importância, que aspira a uma limpeza radical na politica avariada, corrompida, de molde a que se inaugure uma época de equilíbrio, de harmonia, de honradez, de um melhor tacto de governação pública, sob o respeito da lei e uma maior independência das charangas partidárias...

Crê-se que nesse grupo de militares há quem se aproveite da boa-fé de uns para, se não se conjurar o perigo imminente duma ditadura de espadas, se aproveitarem das circunstâncias a fim de ser estabelecido o predomínio férreo do ultramontanismo oligárquico das forças do "ólho vivo".

O exemplo do Chile

Não nos custa acreditar que pudessem dar-se um "fenómeno" de tal natureza, visto que a história recente dos acontecimentos políticos do Chile nos acaba de fornecer um exemplo flagrante em tal sentido...

O golpe de Estado dado, pelos militares chilenos, em 5 de setembro, foi, segundo o seu manifesto de 11 daquele mês, para fazer obra de todos e para todos, por meio da destituição da muralha politica corrompida, principalmente pela convocação de uma Assembleia Constituinte que desse ao Chile Carta Fundamental adequada à sua realidade social e o permitisse entrar numa era nova de honradez e capacidade politica.

Sucedeu, porém, que entre os golpistas militares surgiram traidores, estilo cunha-telesco, chefiados pelo general Altamirano — que se arvorou em Primo de Rivera. Então, este "procedeu com malícia, independentemente da nossa vontade, em inteligência com os elementos reaccionários a cuja conspiração fracassada tinha aderido" — entregando "o país às oligarquias..."

O mesmo grupo de oficiais do exercito chileno, à excepção dos traidores, dão um outro golpe de Estado... no seu anterior golpe de Estado que derrubou Alessandri e deu passagem à ditadura do reaccionário Altamirano: Alessandri é reposto no seu lugar, embora seja forçado a cumprir o programa que o ditador corrido traia...

Esta é a paradoxal, mas triunfante revolta dos militares chilenos... contra uma revolta dos mesmos militares chilenos foi dirigida "contra os traidores e seus usufrutuários", para que fique demonstrado que "os oligarcas não são donos do Chile" e que não "foram em vão que as doutrinas democraticas abriram caminho na consciência nacional..."

A liberdade só encontra defesa na consciência do produtor organizado

Se os militares portugueses que "dessejam" moralidade, ordem, honradez, e demais accessorio mais sérios e menos politicos, depois de triunfarem, vissem traidores a aproveitarem-se do seu gesto e a desviarem os seus augúrios "revolucionários" — teriam a ombridade de voltar à primeira forma, golpeando... o seu golpe de Estado, à semelhança dos seus camaradas chilenos?

Eis uma pergunta que tem cabida neste momento em que se fala de golpes militares e mais heterogéneos...

O que compreendemos, contudo, é que constituindo o exercito um poder violento a apoiar outros poderes violentos do Estado e do Capitalismo, ele há-de sempre brindar-nos com aquele faz-e-desfaz, ratificando-nos continuamente que o seu poder que impõe, é o mesmo poder que depõe — repetindo-se os golpes das legiões romanas que proclamavam ou destituíam imperadores consoante este outro poder — o do dinheiro, o do ouro...

Não é nas próprias forças do Estado e do Capitalismo que existem os predicações poderosos de moralização e de libertação, visto que elas já são de si imorais e coercivas.

Na cultura e consciência do produtor fortemente organizado e em oposição a todos os desígnios reaccionários, é que está a defensiva e a ofensiva para a manutenção das liberdades adquiridas e para a conquista das felicidades futuras, mediatas e imediatas...

27—Fevereiro—925.

C. V. S.

O capitalismo contra as suas teorias

Os interesses do Estado e os interesses particulares — Como os homens variam de conceitos

Esta gente sizuda, conservadora, austera, que hoje se esforça por levar à desorientação e à desordem toda a vida portuguesa, costumava dar-nos paternais conselhos de respeito pelo Estado, porque o Estado no seu sabedor entender] somos todos nós.

Contestámos-lhe, várias vezes, provando-lhe com sobeja cópia de argumentos que o Estado, longe de representar os interesses do povo, significava apenas os interesses da classe dominante — a capitalista. Estas respostas causavam sempre grande ruído, e raro acontecia não sermos mimoseados com qualquer insulto.

Agora que o Estado em nome de nós todos entendeu dever intervir no Banco de Portugal, são essas mesmas pessoas sizudas, conservadoras e ordeiras que contra ele lançam os piores insultos e clamam pela defesa dos interesses particulares que devem ser respeitados acima de tudo.

Na última assembleia geral do Banco de Portugal, o Estado foi vencido. O interesse particular sobrepõe-se ao interesse do Estado — e como o Estado somos nós todos, os accionistas do referido estabelecimento bancário calcaram os interesses de todos nós.

Seria caso para os bons conservadores empreenderem uma rasgada defesa do Estado, de nós todos. Mas não; festejaram o acontecimento. O *Século*, o órgão das forças vivas, chamava ao triunfo dos interesses particulares "Uma vitória", e pela pena "Independente" e lesta do sr. Trindade Coelho atacava o Estado com aquela mesma fúria com que ataca os operários.

Perante esta atitude incoerente dos homens da ordem, nós já não sabemos que fazer — não sabemos se será lógico acolher o Estado como representante de nós todos, concordando assim com as velhas opiniões das pessoas sizudas, que se contradizem agora, se optar pela opinião recente destas sabedoras criaturas, e continuarmos a atacar o Estado como uma concentração das forças capitalistas.

No nosso fraco entender, o Estado só representa "o interesse de nós todos", no conceito do pacifico burguês, quando representa apenas e de "verdade" os interesses capitalistas. Porém, quando por parte dos homens que governam se esboça um simples gesto de cerceamento de abusivas regalias burguesas, logo para as pessoas de sizo o Estado se transforma no pior dos inimigos.

Traduzida, pois, a velha e recente linguagem dos capitalistas, o Estado deve ser respeitado por todos, quando defende e sanciona as expolições de meia dúzia.

Venham para cá com doutrinas...

ABUSO DE CONFIANÇA

Adoptam alguns jornais processos pouco correctos de fazer jornalismo. A *blague*, já não citamos a *blague* inofensiva, mas a invenção de factos que alarmam, perturbam e desorientam a opinião está sendo usada frequentemente por algumas gazetas que se dizem sérias. Há dias o *Diário de Lisboa* publicava uma carta assinada por um capitão José de Barros Norfolck, que se mostrava indignado com a actual atmosfera politica e veladamente esboçava uma ameaça do exercito contra o regime.

Afinal o capitão Norfolck não existe. Pode-se pois admitir que um jornal abuse assim da confiança dos seus leitores?

NO PANAMÁ

Uma revolta de índios

Atrocidades de militares

PANAMÁ, 23. — Os índios do território de Santibáes revoltaram-se e proclamaram a sua independência.

Os índios accusam os officios do exercito do Panamá de cometerem crueldades, tendo assassinado 20 deles.

O parlamento proclamou o estado de sitio, tendo sido enviadas tropas para reprimir a revolta.

O consul britânico recebeu ordem do seu governo, de partir para o território revoltado, servindo-se do navio de guerra americano "Cleveland" que para lá segue, a fim de fazer um inquérito sobre as accusações formuladas pelos índios. (L.)

Bem hajam os que sabem fugir...

Porque as cadeias são túmulos para vivos

Os jornais, nos últimos dias, têm-se ocupado da fuga de alguns presos, mostrando-se alarmados com a falta de condições que as prisões oferecem e com a hipótese de que os guardas e carcereiros possam ser convenientes nessas evasões.

Francamente, eu não estranho que alguns presos fujam, apenas me surpreende que não se tenham todos posto em debandada. E, tendo em conta a profunda miséria que representa o nosso regime prisional, e não ignorando que a maioria das prisões são cloacas infames, onde não entra luz e ar, reputo, até, uma acção benemérita facilitar a fuga aos presos.

Entre tantas questões que constituem formidável libelo contra a actual organização social, há três pontos que nem oferecem discussão, suficientes, por si, para uma sentença condenatória.

São eles: o abandono, a falta de assistência e educação a que são votadas as crianças pobres; a deficiência de hospitalização especialmente para doenças infecciosas; e o infamissimo sistema prisional.

Que respeito, que direito à conservação pode merecer uma sociedade que tam pouco preza e estima a vida daqueles deserdados da fortuna que são, que foram e podem vir a ser os melhores cooperadores da riqueza social?

Eu ouço homens felizes, às vezes mal dispostos pelas suas complicadas digestões, soltarem palavras indignadas contra o povo — a canalha mal educada, como eles dizem. Mas — pergunto eu — quais são os esforços que essa sociedade emprega para que esse povo melhore as suas condições morais e erga o seu nivel mental?!

Por toda a parte transborda o egoismo; as afirmações idealistas são abafadas pelo ruído dos talheres, pelo leilão das negociações; e, entre tanta gente rica, não se adrega encontrar uma dessas iniciativas desinteressadas, com intuitos piedosos ou educativos, que mereça aplauso.

Deficiência de educação nas escolas; falta de lugar e conforto nos hospitais; e as prisões os piores focos de degenerescência humana — eis uma triologia bem infamante, que dá a média do desequilíbrio, da falta de equidade que nos oferece a sociedade actual.

* * *

Constituem, realmente, um perigo grave essas evasões de presos a que os jornais se veem referindo?!

Entendo que, seja qual for esse perigo, será sempre menor do que o que representa a manutenção da maioria das prisões no miserável estado em que se encontram.

Crime tremendo, crime sem nome, considero eu esse do Estado, reflectidamente, a sombra da lei, lançar um desagrado que, na maioria dos casos, se poderia regenerar, para essas masmorras, pântano putrido donde saem muito mais criminosos que para lá entraram, completamente perdidos para a vida social.

Crime miserável é esse de, a frio, com a maior indiferença, se atirar com uma criança para a pior escola da prostituição e do crime — essas escolas de desgraça que são quasi todas as prisões do nosso país, e cuja visita causa arrepios.

A sociedade, em vez de curar ou reparar o mal, ainda mais o intensifica e exaspera! O maior criminoso neste caso é o Estado; é uma tal organização que, pela sua ignorância, pela sua insensibilidade, vai semeando o mal e alimentando tais focos que envenenam e contaminam.

Dos muitos milhares de indivíduos tidos como criminosos, só uma minoria é incurável: a sociedade, com a sua acção imprevidente, é que intensifica esse mal.

O estado, com o seu sistema prisional, com as suas odiosas prisões, não corrige nada, pelo contrário aumenta o perigo — repetimos, é o principal criminoso.

As nossas prisões são fábricas de criminosos, de loucos, e são elas que alimentam a miséria e triste vala comum com o maior contingente de sífilis e tuberculoses.

Se algum movimento bem vibrante, bem digno da cooperação de todos os homens de inteligência e coração, se deveria produzir, era este contra a infamia das nossas prisões. Cárceres sem luz, sem ar, onde as batidas pódres fazem tombar um desgraçado, onde se não pode dormir, onde se não pode comer, onde os vermes passeiam livremente, onde, nas noites de inverno, quasi se morre de frio!

Quem poderá deixar de erguer o seu protesto contra tal Iniquidade?!

Repto, só me admira que todos os presos se não evadam, porque a algumas dessas prisões é preferível a morte, o risco duma bala...

Há que fazer uma formidável campanha de maneira a acordar a alma do país, a ver se ele se levanta em massa e aniquila e derruba todas estas iniquidades sociais.

Compreendemos a conveniência de isolar o homem que, esgotadas todas as experiências, continua a ser nocivo à colectividade.

Mas até nesse isolamento a sociedade tem de ser humana.

Lançar um homem, que cometeu ligeiro delicto, para a estrutura, que são as nossas prisões — ou manter essas miseráveis prisões, para qualquer que seja o delicto, eis o maior de todos os crimes.

Bem hajam os que sabem fugir...

JULIÃO QUINTINHA

Entre ladrões

Dizia muito zangado o *Correio da Manhã*:

"Continuam alguns senhores regedores a desrespeitar a lei e a roubar os votos dos eleitores monárquicos.

Isto não pode continuar assim!"

Não vale a pena zangar. Hoje são os regedores republicanos que roubam os eleitores monárquicos, ontem eram os monárquicos que roubavam os republicanos. E', afinal, uma questão entre ladrões...

A SAÍDA DO CÁRCERE

EHRICH MUSHAM

Uma conversa com o grande poeta revolucionário alemão

Ehrich Musham é um dos melhores poetas revolucionários da Alemanha. Tem um longo passado de militante activo no movimento anarquista. Quando se desencadeou a revolução alemã de 1918, tomou parte com todas as suas forças neste movimento.

Em Munich foi membro do Conselho Central dos Soviéticos Revolucionários, onde trabalhou por uma república libertária de soviets ao lado de Gustavo Landauer, Kurt Eisner, etc., mais tarde assassinados pela reacção triunfante.

Musham foi preso e condenado a quinze anos de fortaleza. Destes quinze anos ele cumpriu cinco e meio. Acaba, finalmente de beneficiar duma amnistia concedida a Hitler, que tinha organizado o ano passado um "complot" monárquico contra a república social-democrata alemã.

* * *

A noticia da libertação de Ehrich Musham e da sua vinda a Berlim espalhou-se muito rapidamente entre a classe operária berlinesa. Assim, na noite da sua chegada, uma multidão enorme apertava-se na "gare" para lhe dar as boas vindas. Os comunistas nesta ocasião, enviaram as suas centúrias com bandeiras vermelhas.

A policia também assistiu à chegada de Musham. A policia a pé e a cavalo estava armada até aos dentes. As imediações da "gare" estavam por assim dizer intransitáveis. Antes da chegada do comboio os "halls" e os cais da estação foram invadidos por uma equipe de "limpadores" que fizeram sair à vergalada as pessoas que lá se encontravam.

Disto resultou alguns feridos, entre os quais muitos dos jovens das centúrias. Os deputados comunistas, gozando da imunidade, foram quasi os únicos tolerados no cais da chegada, e naturalmente com o seu "bluff" costumado persuadiram Musham, que era por iniciativa do partido comunista que tinha lugar a demonstração em sua honra.

Musham acreditou-os tanto mais que foi impossível aos camaradas sindicalistas e anarquistas, que tinham ido também com o fim de lhe dar as boas vindas em nome das suas organizações, o conseguirem aproximarem-se dele.

Nós escrevemos pois a Musham para lhe pedir, que nos fixasse um "rendez-vous", afim de termos uma conversa com ele. Foi assim que oito dias depois da sua chegada a Berlim me foi permitido falar-lhe.

A' pergunta — "Como teve lugar a sua prisão na primavera de 1919?" Musham respondeu:

"A primeira república dos soviets da Baviera não foi definitivamente uma república de soviets."

Com efeito, o Conselho Central Provisório, que formou o governo dos soviets, não foi regularmente nomeado.

As bases duma verdadeira república dos soviets deviam ser dadas pelos conselhos de fabrica revolucionários. Mas a burguesia, e com ela a social-democracia queriam impedir-lhe. O conselho central revolucionário provisório tinha a sua sede em Munich.

O governo burguês social-democrata à frente do qual estava o social-democrata Hoffmann fugiu para Bamberg. De lá organizaram activamente a contra-revolução. Corromperam as tropas de protecção da revolução, dando-lhes grandes somas de dinheiro a cada soldado. E a 13 de Abril, estas tropas proclamaram um "putsch".

O prelúdio deste "putsch", foi a prisão de Musham que foi surpreendido em sua casa no meio da noite. Ao mesmo tempo que Musham, os outros membros do Conselho Central Provisório Revolucionário foram presos também, pelo menos, aqueles que se puderam apanhar.

Ao receberem a noticia destas prisões, os revolucionários precipitaram-se na "gare" de Ebrach, onde se tinham encerrado os presos, a fim de os livrar. Infelizmente, aqueles, já se não encontravam ali, tinham-nos transportado para a prisão.

As consequências destes acontecimentos foram que, no mesmo dia ainda, o proletariado de Munich proclamou a segunda república dos soviets. O conselho central desta segunda república dos soviets, compoz-se unicamente de comunistas. Este não se pôde manter muito tempo, e a 27 de abril foi obrigado a demitir-se perante o descontentamento dos conselhos de fabricas revolucionários.

Musham não pôde tomar parte no conselho central da 2.ª república, porque se encontrava na prisão. Mas Gustavo Landauer, o anarquista e literato bem conhecido, não tomou mais parte no trabalho do conselho central comunista. Foi só depois da demissão deste conselho, que Landauer se poz de novo à sua disposição.

Não pôde empregar a sua actividade senão uma semana. O segundo "putsch" reaccionário sobreveiu, e derrubou a república dos soviets. Landauer foi assassinado pelos carrascos da contra-revolução e um terrível periodo de reacção começou.

A partir deste momento, a reacção desenvolveu-se cada vez mais, e a Baviera tornou-se o foco das conjurações reaccionárias que, desde 1919, têm surgido na Alemanha. Um dos primeiros mártires desta reacção, foi Ehrich Musham.

—Por que tribunal fôste condenado?

—Pelo tribunal marcial. O veredito foi de vinte anos de fortaleza.

Esta detenção devia ser oficialmente considerada como isentando do direito politico. Ora, instituiu-se um novo sistema pelo qual este género de detenção ainda é mais terrível de tudo o que existia até então em regime penitenciário.

—Em que consistia este sistema?

—Permitia-se aos presos receber roupa e alimentação de fora. Mas era-lhe proibido occuparem-se num trabalho pessoal que os interessasse; unicamente podiam trabalhar na administração penitenciária, mas em condições tais, que a maior parte dos prisioneiros se recusava a fazê-lo. A censura era excepcionalmente severa. Os presos escreviam uma carta e sofriam penas disciplinares por tal ou tal termo empregado. Estas

punições consistiam em encerrá-las nas células, tirar-lhes a cama, proibirem-nos de escrever, de falar ou de fumar, ou suprimir-lhes as visitas.

Além disso, os presos eram altamente caluniados pelo governo. Assim, o Parlamento publicou um relatório, no qual dizia que Musham tinha desviado dinheiro que era destinado aos que com ele estavam presos. Inútil será dizer que, toda essa história é falsa do principio ao fim. Musham contou um caso particularmente e dramaticamente tipico. E' o caso do camarada Hagemester, companheiro de cárcere de Musham na prisão de Niederschönfeld, onde morreu.

Hagemester tinha uma doença de coração. Musham era o seu melhor amigo. Quando ele recolheu à cama, transportaram-no para uma cela, separaram-no absolutamente dos seus companheiros, em suma, trataram-no como um preso castigado. Na véspera da sua morte, pediu para ver Musham, a fim de que escrevesse uma carta à sua mulher, ditada por ele. Mas isso não lhe foi permitido senão sob a vigilância dum guarda, e, além disso, não lhe concedendo mais do que cinco minutos. Hagemester rejeitou estas condições, e morreu na noite seguinte sem ter tornado a ver, pela última vez, aqueles a quem amava. Este caso teve no seu tempo muita repercussão na imprensa. Todavia, a situação dos presos não foi melhorada. A administração penitenciária, vendo que o governo não se mexia, conservou a ordem antiga.

Musham deseja ainda tornar conhecido, e espalhar um outro caso tipico.

Como se sabe Ernesto Toller esteve também em Niederschönfeld. Um dia em que se achava doente mandou chamar Musham, e pediu-lhe para ir pedir ao enfermeiro, que lhe desse uma seringa. No dia seguinte, o director da prisão, um antigo advogado geral, chamou Musham, e anunciou-lhe que por se ter imiscuido nas questões dum dos seus companheiros de cárcere seria separado dos outros presos, metido na cela com prohibição de escrever e de fumar durante muitas semanas!

E enquanto em Niederschönfeld os revolucionários são tam miseravelmente tratados, os conspiradores da direita, Hitler, o conde Arco (que assassinou Kurt Eisner) e outros levam na fortaleza de Landsberg uma vida de pândega. Dão passeios a cavalo, dedicam-se a diferentes sports, etc... Hitler continuou mesmo a dirigir o partido socialista nacional, e teve conferências secretas durante a sua detenção.

A resposta de Musham à pergunta, se ainda havia muitos presos tendo tomado parte na república dos soviets, foi afirmativa. A declaração do governo bávaro pretendendo que todos os condenados por participação na revolução bávara estão agora amistiados é falsa. Musham pôde citar inúmeros nomes fora todos aqueles que ele não conhece. Em último lugar, Musham recomendou para que se proclamasse por toda a parte e se gritasse bem alto, que no parlamento bávaro, os social-democratas votaram contra o projecto de amnistia, que tinha sido deposto pelo partido social-democrata independente ou pelos comunistas.

Mais uma vez, a social-democracia pôs-se abertamente do lado da burguesia, como há seis anos auxiliou a bater a república dos soviets da Baviera.

—E agora que contas fazer? Não queres repouzar um pouco?

—Enquanto houver na Alemanha presos politicos, eu não posso pensar em repouso. Vou consagrar-me à luta pela libertação dos presos politicos. Temos na Alemanha 7.000 presos politicos. E' preciso, primeiro, libertá-los. Será só depois disso, que nós revolucionários poderemos permitir-nos respirar um momento antes de emprender a grande luta que temos diante de nós.

Uma afirmação da *Vie Ouvrière*, vindome à idea, perguntei a Musham se era verdade que ele tinha dito que o partido comunista era o caminho para a libertação, que o anarquismo não era senão brinqueio espiritual, etc., e que por esta razão dava todas as suas simpatias ao partido comunista.

Musham respondeu: "Não sou membro do partido comunista, e não penso vir a sê-lo. Hoje como ontem sou anarquista. Sou discípulo de Bakunine e anti-militarista. Sou contra a ditadura dum partido, qualquer que ele seja. Quero conduzir a luta revolucionária com todo o proletariado e não tenho senão um desejo: é que a classe operária viva em boa inteligência. Saio de tumulto depois de ter estado seis anos absolutamente separado da vida externa.

E' preciso conceder-me algum tempo para me inteirar do que se tem passado durante este periodo. A minha intenção é não dar crédito nem a este nem a aquele, mas julgar por mim mesmo."

TEREZA BLANCHANG

ASSIM SEJA...

Teimam os jornais reaccionários em afirmar que os manifestantes que foram a Belém não eram republicanos. Não, para os reaccionários, os manifestantes eram todos bolchevistas, que na boca deles quer dizer sindicalistas. Para reforço da sua argumentação citam o caso de, quando o presidente da república assumiu aos jardins do palácio de Belém, o povo ter agitado no ar milhares de *A Batalha*. E concluem que, de estar com a república, a multidão está com os sindicalistas e anarquistas.

Ora, nós já negamos por várias vezes a paternidade espiritual da multidão que se manifestou tão exuberantemente. Dissemos, e julgamos dizer a verdade, que a manifestação era constituída por explorados contra os exploradores. Mas já que os reaccionários teimam em dizer que todos os manifestantes eram sindicalistas, aceitamos o alvitre com regosio e esperamos que os sessenta ou oitenta mil sindicalistas saberão em breve, só com o peso do seu número, implantar as ideas que nós apregoamos.

São sindicalistas? Assim seja...

Leiam amanhã o Suplemento literário de A BATALHA

- A especulação com o exercito. Farça trágica, por João Pedro de Andrade.
- Ecos da Semana, por F. de C.
- A fada branca, por José Negrão Bui-sel.
- A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão.
- O desporto, pelo dr. José Pontes.

- O elogio do sonho, por Julião Quintinha.
- Um livro recente de Máximo Gorki
- O prestígio da Imprensa.
- O isolamento dos intelectuais, por Eduardo Frias.
- O Teatrinho Juvenil, entrevista com o professor Cezar Porto.
- O que todos devem saber... Chico, Zecas & Comp.ª

UM CONFLITO NO LIMOEIRO

provocado pelo enfermeiro Alegria

As primeiras da noite de anteontem correu célere pela cidade a notícia dum conflito na cadeia do Limoeiro, onde os presos sociais se encontravam envolvidos, dizendo-se da sua participação tudo quanto há de mais desencontrado.

Para que pudessemos de positivo informar os leitores do que se passava, aguardamos melhores informes do que aqueles que não passavam afora de boatos.

Nesta inteligência conseguimos apurar o seguinte:

O enfermeiro Azevedo, ao serviço da enfermaria do Limoeiro, teve que ausentar-se por uns dias do seu serviço, sendo substituído pelo já célebre enfermeiro do Monsanto, João Alegria Pereira, o mesmo que a Batalha há tempo teve que focar pelos crimes cometidos na pessoa dos presos.

Logo que o Alegria entrou no desempenho deste seu cargo interino a tristeza invadiu os presos. Houve logo a previsão que os seus rancores encontrassem ensejo para se exteriorizarem. E foi o que sucedeu, apesar de só ali ter feito serviço um dia.

A sua primeira preocupação foi dar alta a presos enfermos, apesar, segundo nos informaram, do seu manifesto estado de doença—alguns tuberculosos.

Este desumano gesto provocou os naturais protestos por parte das vítimas, sem que encontrassem eco no coração empedernido do brutal enfermeiro.

Anteontem, porém, este foi ao Limoeiro, diz-se que de visita.

Reincidindo nas suas atitudes, o Alegria provocou alguns presos ameaçando de pistola um, e se não fez fôgo, isso deve-se à intervenção dum guarda. Isto deu motivo a azeda discussão, que a certa altura se agravou, saindo ferido o enfermeiro provocador.

O sr. Pestana Júnior, que reasumiu no mesmo dia as suas funções de director da cadeia, onde tinha sido atestado para fazer parte do ministério José Domingues dos Santos, responsabilizou pelo sucedido o camarada Marques da Costa, dando crédito aos informes do Alegria, a despeito daquele preso se encontrar na enfermaria, quando o conflito se passou num dos corredores.

Depois deste conflito, correram pela cadeia as mais disparatadas versões sobre o destino dos presos. Em face disso os presos decidiram não permitir a consumação de novas violências, como era o serem transportados de noite para o Monsanto.

Efectivamente, tudo estava preparado para a transferência se fazer de madrugada, mas os presos, sabedores do caso, decidiram que a remoção só se fizesse de dia.

A's duas da madrugada a força compareceu com os carros celulares e um esquadrão de cavalaria da G. N. R. para os escoltar.

A's 4,30 chegavam ao forte de Monsanto, sob uma chuva torrencial, os dois primeiros "camions" com 29 presos. Uma hora depois chegavam os dois restantes com mais 23 presos, pois são 52.

Tanto à saída do Limoeiro, como no caminho até Monsanto e ali os detidos cantaram sempre a "Internacional", entrechando o côro com morras ao director da cadeia dr. sr. Pestana Júnior.

Vejamos agora o que se passou no Monsanto, pela carta que a seguir publicamos, e que pelos presos nós foi enviada:

MONSANTO, 28. Escrevemo-vos, como vedes, do presidio de Monsanto. Mandamos esta carta, que é também um brado de revolta e um veemente apelo ao vosso espirito de solidariedade, que agora, na difícil emergência em que nos encontramos, é a única esperança nossa, que ansiamos ver-nos libertos do despotismo a que fomos inesperadamente submetidos pelo dr. Pestana, Júnior, que tão tristemente se reintegrara na directoria das Cadeias Cíveis de Lisboa.

As contrárias do que esperávamos, não foi só um nem dois camaradas o alvo da mesquinha vingança que se cometeu, mas todos os presos do "Grupo B" do Limoeiro, ou sejam 51, que tantos somos, presos sociais e comuns, os que aqui estamos atirados ao fundo gelido e sujo do famigerado "sector C", onde tantos infelizes têm acabado os dias da sua vida, minados pela tuberculose, vencidos pelas mais terríveis epidemias!

Que motivos poderosos haverão feito com que o sr. Pestana Júnior, ex-ministro dum governo esquerdista, satisfazendo aos caprichos odiosos do não menos odioso enfermeiro de Monsanto, nos removesse para tão longe e tão infame prisão, privando-nos até da visita diária que recebíamos das pessoas de nossa família?

O camarada Marques da Costa era o único preso social que estava na enfermaria, e estava ali baixado pelo dr. Esteves da Fonseca.

O enfermeiro Alegria não exercia, no Limoeiro, a sua profissão mas sim em Monsanto. Foi ao Limoeiro terça-feira passada, por haver ficado em casa doente o respectivo enfermeiro efectivo, sr. Azevedo. Nada havia que lhe autorizasse a dar alta aos doentes que os médicos haviam mandado baixar à enfermaria e entretanto ele o fez, não poupando sequer um que estava tuberculoso, dois escrofulosos, dois sífilíticos e um saramento. Marques da Costa não pretendeu sequer "importar", como disseram os jornais burgueses, a permanência na enfermaria. Antes se prontificou a abandonar a "esterqueira" que tem aquele nome, protestando entretanto contra a alta dada aos outros doentes. E tam justo eram os seus protestos, que o sub-chefe Ferreira, criatura de todos conhecida pelas desumanidades que ali pratica, se viu constrangido a não acatar as ordens do atabalhoado enfermeiro, mandando que todos regressassem à enfermaria.

O sr. Pestana Júnior mandou-nos entrar nas prisões subterrâneas do Forte—sector C—, onde o frio, superior a tudo, domina em absoluto.

Da prisão onde estamos há umas janelas que deitam para o fôso do Forte, janelas que estão de noite e de dia abertas... por não terem vidraças nem portadas!

E nestas casas-matras que o ex-ministro nos meteu, deixando-nos, ao que nos disse o sargento da guarda, entregues ao Poder Militar...

Receosmos talvez de que os presos sociais sublevassem as consciências e os espiritos dos outros presos, os nossos carcereiros separaram-nos, mandando os presos comuns para as salas.

Bem basta já os vossos que aqui sofremos, logo ao entrar no Forte, onde encontramos, bebados, completamente beba-

UMA INICIATIVA LOUQUA

DOS PROFESSORES DA ESCOLA ROCHA PEIXOTO DA PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM, 25.—Os professores da Escola Primaria Superior «Rocha Peixoto», desta vila, tomaram a simpática iniciativa de criar um curso nocturno para indivíduos do sexo masculino e outro de economia doméstica para o sexo feminino.

No curso masculino são admitidos indivíduos de qualquer idade, desde que possuam rudimentos de leitura e escrita, constando das seguintes disciplinas: aritmética, álgebra, geometria, física e química, desenho e caligrafia, português e noções de história, francês, higiene e geografia.

Estes cursos são gratuitos, funcionando o feminino das 16,30 às 17,30 horas, e o masculino das 20 às 22 horas.

Bela iniciativa, merecendo o apoio de todos os amantes da instrução, de todos os amigos do progresso.

Oxalá os trabalhadores compreendam os benefícios que estes cursos lhes trazem e saibam corresponder a tão útil empreendimento. E' um dever de todos os operários frequentá-los, encorajando assim os iniciadores a prosseguir na sua belíssima resolução.—C.

OS PERIGOS DO MAR

Arrestando com o fôgo a tempestade

DURBAN, 28.—O paquete britânico «Cidade de Madras», de 5.461 toneladas, chegou ontem a este porto, depois de ter lutado durante cinco dias com uma violenta tempestade. Ao mesmo tempo manifestava-se fôgo nos porões, tendo a tripulação trabalhado mais de 24 horas para extinguir as chamas. Dez dias depois, o paquete foi colhido por um violento ciclone que destruiu as chaminés e os mastros e levou pela borda fora todos os escaleres e salva-vidas.—(R.)

EM COIMBRA

Um mandado de despejo contra o Ateneu Comercial

COIMBRA, 27.—A classe dos empregados no comércio desta cidade vem de se alarmar por um caso de bastante gravidade. O senhorio do prédio onde está instalada a sua associação acaba de ganhar, em segunda instância, a acção de despejo que primeiramente tinha perdido, tendo, para isso, dado como burlão um seu filho que assinou alguns recibos que, à face da lei, não têm validade!

Assim, a classe, em frente desta situação, acaba de reunir em assembleia magna, tendo falado vários empregados no comércio e sido nomeada uma comissão que procurará resolver o assunto, vendo se é possível sustar o referido mandado de despejo.

Há grande excitação na classe, tendo a assembleia sido importantíssima.—C.

“O CAMALEÃO”

Como num necessário aviso ao proletariado publicamos há dias: «Um silêncio intranquillizador! A União dos Interesses Económicos continua preparando a eclosão da ditadura», O *Século* respondeu com estas palavras:

“Tem razão. Porque não? A função da União... da Exploração—corra o carrilhão depois da explicação—não visa a demonstrar duma lição: visa a preparação de uma eclosão.”

Ora, o camaleão, escrito por um talassão, teve um piadão... Naquela linguagem de cão, quiz armar sem hesitação no jornal o *Campeão* das províncias da nação—ão!ão!ão!

MADAME FLIRT

Quinta-feira, 5 de Março reaparece em São Carlos a companhia de Lucilla Simões representando a linda peça, «Madame Flirt» comédia que sob o ponto de vista de teatro, tem interesse, sobretudo pela harmonia com que o sentimento e o sentido cómico das coisas se congregam nunca se exagerando e sendo sempre um para o outro uma barreira que não é mais do que um ligeiro fio de seda de inextinguível encanto.

POLÍCIAS AGRESSORES

Ontem de manhã Augusto Passos, tendo-lhe sido dado um pouco de açúcar, no Jardim do Tabaco, proveniente das varreduras de um barco à descarga, vinha a retirar-se quando um guarda-fiscal correu atrás dele ameaçando.

Tendo fugido, detiveram-no no largo do Chafariz de Dentro os civis 581 e 2254 da 15.ª esquadra, que o agrediram, à espedeirada, conduzindo-o a seguir para o posto do Terreiro do Paço.

Aqui forçaram-no a desistir de qualquer queixa contra os guardas agressores dizendo-lhe que se o não fizesse o multavam em 41\$00.

Eden Teatro

(Telefone Norte 380)

HOJE: DEFINITIVAMENTE INAUGURAÇÃO DOS

ESPECTÁCULOS POR SESSÕES

às 20,45 (8 3/4) e às 22,45 (10 3/4)

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO

da mágica de ERNESTO RODRIGUES

e FELIX BERMUDEZ

música de CARLOS CALDERON

A SEMANA DOS 9 DIAS

desempenhada por toda a

Companhia OTTO DE CARVALHO

e com encenação desse artista

Variações scenárias

Indivíduo guarda-roupa de JIMMY VALVERDE

PREÇOS POPULARES

Amantissimo em espectáculo infantil: Festa artística de RUIBERTO SERRA, com 2.ª representação de «A SEMANA DOS 9 DIAS» e o quadro «Little Palace», da revista «GIGA-JOGA».

dos e provocadores, o enfermeiro Alegria, que nos ameaçava de cometer represálias, e o guarda Pacheco, que nos insultava.

Este guarda cometeu ainda outras proezas, como fôsse quebrar garrafas que conduziamos com utilidades culinárias, e outros objectos, alguns de valor.

Este monstro chegou até a arrebatado do colo dum preso um gatinho que este conduzia desde o Limoeiro, atirando-o do alto da escadaria ao chão cimentado do «redondo».

Enquanto a policia namora

os amigos do alieio assaltam tranquilamente o transeunte desprevendido...

Depois, somos nós que dizemos mal da policia...

E relatava ontem um jornal da manhã:

«Ontem à noite, pouco depois das 20,30 horas, o sr. Joaquim Pedro da Cruz, residente na rua dos Mestros, 10, 1.ª, passava pelo Corpo Santo, quando alguém, atacando-o pelas costas, lhe passava pelo rosto qualqueir cousa, com um cheiro acre, que a pouco e pouco lhe enfraqueceu os sentidos.

Com toda a solicitude apareceram-lhe 2 indivíduos, que o seguraram pelos braços, ao mesmo tempo que lhe perguntavam se sentia mal disposto e se lhe ofereciam para o que fosse preciso.

Enquanto cumpriam o seu dever humanitário, tratavam também de lhe surripiar uma corrente e relógio de ouro, uma moeda antiga de 10 mil reis do mesmo metal, uma bóia de prata com varias moedas e 3 aneis de ouro que levava nos dedos.

O infeliz foi cobrando ânimo, por se ir desvanecendo o efeito do narcótico, e os dois benemeritos tendo-lhe acudido naquele transe, retiraram-se com passo apressado.

O sr. Cruz percebeu então que tinha sido roubado, dirigiu-se ao guarda 511, da 1.ª esquadra, a quem perguntou se vira os dois indivíduos em questão.

O guarda, que pelos modos estava namorando, disse que efectivamente vira passar os homens, e que não deveriam ir longe.

O roubado pediu ao civico que os capturasse, porque o tinham roubado, mas o civico, em vez de proceder imediatamente, como o caso requeria, limitou-se a aconselhar o queixoso a seguir pela travessa do Cotovelo, enquanto ele ir pela rua do Arsenal, para ver se encontravam os fugitivos.

Disse, mas deixou-se ficar no mesmo lugar, pelo que os gatinhos tiveram tempo de sobra para se escapulirem.

O sr. Cruz dirigiu-se depois ao governo civil, onde apresentou a sua queixa, relatando os factos como acima referimos.

Contra o guarda 511 vai ser apresentada nota do facto, por não ter procedido como devia.

Só podemos comentar este caso admirável com uma franca, com uma enorme gargalhada...

O aniversário de «A Batalha»

Agradecemos a O *Rebate* a referência que fez à passagem do nosso 6.º aniversário.

EM QUE FICAMOS?

O escopo da tenebrosa instituição denominada «Cavaleiros da Luz» já foi aqui traçado antes que outro jornal o fizesse. Nunca fantasiámos a sua existência, nem tecemos em volta desta quadrilha romantismo que a elevasse a uma celebridade que não possui.

Mas, por que as suas ameaças se vão generalizando, ou porque os «cavaleiros» são irrequietos se supõem seguros de toda a impunidade, em volta da sua existência tem-se passado uma serie de episódios, que nos forçam a dedicar alguns minutos de atenção.

Foi o bairro de Campo de Ourique onde os quadrilheiros assentaram arraiais. Principiando por umas ameaças veladas aos jovens da Meia Laranja, generalizaram as mesmas aos habitantes do mesmo bairro, de preferência aos que algumas simpatias nutrem por aquele organismo juvenil. Como noticiamos completaram a sua obra apunhalando um elemento juvenil.

Os boatos tenebrosos sobre aquela instituição ferveilham e meia Lisboa em breve terá que acreditar que a capital está sob a influência e vontade dos camisas negras... portuguesas.

Deste estado de espirito resulta sérios embates como o que assistimos nas terras do Sabido, onde se trocaram bastantes tiros que poderiam ser funestos, se não nos custa a acreditar que de novo se repita a scena, uma vez que para salvaguarda das vítimas dos tais «cavaleiros» só a defesa a tiro lhes resta.

De forma que o maior perigo e que a todos sobressalta está na excitação nervosa em saber-se o que há.

A policia, tão solícita a perseguir os jovens sindicalistas, ou ainda não se apercebe da situação, ou conhece-a de sobejo!

Pasma-se perante a ousadia da policia pertencente à esquadra dos Terramotos, que prossegue nas suas rusgas, incomodando de preferência, justamente os mais perseguidos pelos «cavaleiros».

Ontem, novas rusgas se efectuaram, e mais uma vez os jovens tiveram que responder como se fôsssem os criminosos.

Não pode ser! Não deve continuar! Ou a policia procede como em idênticos casos, e não incomoda as vítimas, ou dá a estas o direito de se defenderem pelos meios que a sua vida exige.

Não pode haver meios termos.

A vida dos que trabalham não pode estar à mercê de qualquer «cavaleiro», com uma situação tam esquisita por parte da policia.

Não pedimos para as vítimas a defesa da policia. O que exigimos é que se desnuncie uma situação que a todos incomoda.

Procurou-nos José Serra, irmão de António Serra, residente nas terras do Sabido, declarando-nos que o seu irmão não reside com seus pais, na casa que há dias foi assaltado a tiro por um grupo desconhecido. Acrescentou o Serra que veio passar o Carnaval com sua família, dando-se a coincidência de ser nessa ocasião a casa onde estava assaltada e só por uma felicidade não foi vítima.

Cinema Gil Vicente

64—Rua Voz do Operário—64 (a ORCA)

completamente remodelado e confortável e onde serão corridas fitas dos cinemas

TIVOLI, CONDES E CENTRAL

HOJE—DOMINGO—HOJE

«Matinée» às 15 e «Noite» às 20 horas

Mala negra—5 partes.

Mãos de arminho—3 partes.

As ordens—2 partes.

Plano do regedor—2 partes.

Jornal do Conde 220—1 parte.

Preços populares

Camarotes, balcões, «fauteuils» e cadeiras (geral)

Brevemente «matinées» elegantes

AS QUINTAS-FEIRAS

dedicadas à sociedade elegante dos bairros da Graça e arredores

Os presos de Santa Cruz em Coimbra

Da cadeia de Santa Cruz, de Coimbra, recebemos copia dum carta que foi enviada ao ministro da Justiça relatando os verdadeiros horrores que passam naquelas celas.

O adiamento da hora e a falta de espaço não nos permite fazer hoje as largas e merecidas referências que o caso merece. Pela leitura das referidas cartas ficamos inteirados de verdadeiros horrores a que urge pôr cõbro.

Anteontem baixou ao hospital um desgraçado preso que se encontrava num estado lamentável de abandono: coberto de chagas e de parasitas. Os proprios enfermeiros no hospital ficaram horrorizados com semelhante espectáculo.

Como esse infeliz encontram-se outros na mesma cadeia; onde a falta de higiene é uma afronta à humanidade.

Para o caso foi pedida a atenção do ministro da Justiça. Oxalá este não faça orelhas moucas.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

A primeira de «Vivette»

Sem sombra de exagero se pode dizer que é enorme o interesse que está despertando a primeira representação de «Vivette» no Nacional, como se sabe marcada já para a próxima quarta-feira. Disse-se já que os artistas que entram na peça, mas não deixa de ser interessante dizer que eles aparecem em «Vivette» sob os nomes de João Arguedin, escultor; Miguel Crevaux, amigo intimo dele; Trivelin, Brossard, dr. Bladim; Vivette, mulher do escultor; Madame Felizard, sua amante; Madame Bachelin, Germana, Renée, adidiógrafa, etc. Os dois primeiros actos passam-se nos arredores de Paris e o 3.º em Marselha. Os scenários, mobiliário, etc., serão inteiramente novos. Do trabalho de Hilda Stichin, Cremlina de Oliveira, Rafael Marques e Clemente Pinto, aguardam-se verdadeiras revelações, como verdadeira revelação se pode considerar esta produção de Jacques Déval. A marcação de logares prossegue.

Noticias

Efectua-se amanhã, no Eden Teatro, a festa artística da gentil e distinta actriz cantora Adelfa Fernandes, sendo o espectáculo inteiro, e repleto de atracções, pois consta da mágica «A semana dos 9 dias» e ainda mais do quadro «Little Palace», da revista «GIGA-JOGA».

Inauguram-se hoje, definitivamente, no Eden Teatro, os espectáculos por sessões e a preços populares. Pela primeira vez, ali, representar-se há a mágica «A semana dos 9 dias», original de Ernesto Rodrigues e Felix Bermudes.

Reclames

Pela última vez, nesta temporada, se fará esta noite no Teatro Nacional a demonstração plena do ócio obtido pela reapreisação da interessante original de Ljorj Tavares, «Inglezes».

Ninguém deve deixar de ir ao Teatro Apolo ver a magnifica revista «Adelfa Real» que ali está em pleno sucesso e que tem linda música, magnifico desempenho e belos scenários. Todas as noites se realizam duas sessões, a que não falta a alegria e a graça das gentis artistas Elisa Santos e Guilhermina Paiva.

—A nova companhia de circo que ontem fez a sua estreia no Coliseu dos Recreios, onde obteve um extraordinário sucesso, dá hoje dois magnificos espectáculos em que tomam parte todas as grandes celebridades que a compõem. Os notáveis «clowns» Rico & Alce e irmãos Albano, que são a alegria dos frequentadores daquela casa de espectáculos, apresentam originaes e interessantissimos trabalhos novos. Na matinee tem entrada gratuita as crianças até aos 6 anos.

—Repete-se hoje «A Glória», empolgante original português do distinto dramaturgo sr. Pedroso Rodrigues, o qual é desempenhado com a mais admirável correcção. A delicada peça «As irmãs», tanto do aspecto das scenas, não é comudo ainda reatada, mas continuará por certo a chamar publico escolhido e de bom gosto à rua das Escolas Gerais.

Morreu Ebert

BERLIM, 28.—O presidente Ebert faleceu hoje, pouco depois das dez da manhã. —(L.)

NO APOLO

Ontem, este teatro encheu-se «au grande complet», havendo entusiasticos aplausos, nas duas sessões da famosa revista MOLA REAL, tendo tido varias chamadas especiaes, devidas ao belo trabalho que apresentam, as «divettes» Elisa Santos e Guilhermina Paiva.

DENTES ARTIFICIAIS

a 2500. Extracções sem dor, a 10000. Consulta especial das 10 a 1. Concertam-se dentaduras em 4 horas. Das 2 a 5 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

GESTO DIGNO

Ontem Joaquim Marques, servente da Imprensa Nacional, saiu a trocar algumas notas de 100\$00 que lhe tinham entregado naquele estabelecimento.

Quando voltou com o dinheiro deu pela falta de 100\$00, pelo que se dirigiu imediatamente ao largo de São Mamede onde trocava algumas a condutores dos electricos.

O condutor de um carro que passava vendendo o chamou. Era o condutor 119, a quem o Marques tinha dado os 100\$00 a mais e que lhe os restituíu.

FACTOS DIVERSOS

Um agradecimento.—Recebemos a seguinte carta: «Os presos na cadeia do Cartaxo vem por este meio agradecer-lhes a forma porque desinteressadamente se interessam em prol da nossa liberdade, que tam injustamente nos foi roubada, não só a nós como a nossos filhos aos quais o nosso encarceramento veio duplicar o sofrimento, por capricho de 4 senhores, que se riem de ver os nossos estender a mão a cada um».

Dojo anti-oneteno.—Inaugura-se hoje, pelas 14 horas, o posto anti-oneteno, n.º 2, instalado na rua D. Estefânia, antigas portas do Arco do Cego.

Amanhã no Teatro Apolo Amanhã

às 8,30 e 10,30 da noite

2 ESPECTÁCULOS 2

com a brilhante revista

MOLA REAL

Espectáculo artistico e de maior sensação, pelos encantadores scenários,

luxe e guarda-roupa e ainda pelo notavel agrupamento artistico que o interpreta, de que faz parte

ELISA SANTOS

Amanhã Amanhã

Faltou ontem o pão

Volitaram a aparecer as bichas e os protestos do povo

Volta a faltar o pão nas padarias. Ontem exgotou-se rapidamente, tendo as padarias servido com grande dificuldade a sua clientela.

Fez-se sentir muito a falta de pão nos restaurantes e tabernas, vindo-se os proprietarios desses estabelecimentos forçados a raciocinar em quanto puderam a freguesia, negando-se, por fim, a dar-lhe o que não tinham.

O pão vendido foi em sua maioria de 2.ª qualidade e algum de 1.ª, falhando por completo ou quasi o de 3.ª

Em diversos estabelecimentos em Alcantara, Graça, Alfama e outros bairros ainda se esboçaram protestos, quando muitos operarios se dirigiram para o trabalho, sem que conseguissem arranjar pão, tendo que intervir a policia, não se tendo porem, registado acontecimento de maior.

Nos bairros mais populares, padarias houve onde se não fabricou um único pão. Logo as primeiras horas da manhã viam-se em frente de varias padarias grandes bichas de mulheres, que pretendiam adquirir aquele género.

O governo transacto tinha prometido abundancia de farinhas que não appareceram ainda.

Os padeiros independentes conferenciaram ontem com o ministro da Agricultura acerca do assunto.

O povo não pode continuar à mercê da desorganização dos serviços do Estado.

O MAXIMO

Uma comissão de vendedores ambulantes de leite procurou ontem o sr. ministro da Agricultura para lhe solicitar a suspensão do decreto que estabeleceu varias medidas tendentes a evitar as fraudes na venda do leite a retalho. Maior descaramento não se pode conceber. Os vendedores de leite fazem nesse género toda a casta de infâmias, todas as falsificações, todas as fraudes. Rois. vão pedir ao ministro da Agricultura que lhes dê a liberdade de praticar as fraudes que uma lei tentava impedir.

Ao que isto chegou!

OS QUE MORREM

Falecimentos

Faleceu Américo Roque dos Santos, sobrinho de António Augusto dos Santos e de Emilia Roque dos Santos.

Faleceu ontem, pelas 9 horas, Vitor Manuel Correia, operário encadernador da Imprensa, L.da (Janelas Verdes).

Ainda não está marcado o dia do funeral.

Num auto da Cruz Vermelha, foi transportado do Quartel da G. N. R., em Alcantara, para a Morgue o cadaver do soldado 34 da 2.ª companhia, batalhão 3, Carlos Fernandes da Silva, que naquele quartel se suicidou, disparando um tiro sob o queixo.

Agremiações varias

Centro Escolar de Campo de Ourique.—Reuniu a assembleia geral no dia 27 de Fevereiro, pelas 21 horas, sendo aprovado o relatório e contas da direcção e a parecer do conselho fiscal. Foi também aprovada a suspensão do consócio António Serra, suspensão que será derimida na proxima assembleia geral extraordinária que se realiza no dia 13 do corrente mês.

Grupo Excursionista Os Camarões.—Reune hoje a comissão administrativa pelas 16 horas.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa

MARCO POSTAL
Requisito: M. R. Assinatura fica paga até 15 de Junho.
Requisito: A. R. V. Est. conforme. «Misterios do Povo», liquidados até 3.ª série.
Dona de Varzim. G. C. Recobemos liquidação. Seguem pelo correio os suplementos pedidos.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7,30
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,45
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	Q. C. dia 8 às 9,10
S.	2	9	16	23	L. C. " 16 " 7,03
T.	3	10	17	24	Q. M. " 23 " 10,11
					L. N. " 28 " 3,46

MARES DE HOJE
Praiamar às 7,05 e às 7,27
Baixamar às 0,15 e às 0,35

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Londres, 60 dias de vista	100,00	100,00
Londres, cheque	100,00	100,00
Paris	12,07	12,08
Bruxelas	12,07	12,08
Amsterdã	12,07	12,08
Bélgica	12,07	12,08
Holanda	12,07	12,08
Madrid	12,07	12,08
New York	20,80	20,81
Brazil	20,80	20,81
Suécia	20,80	20,81
Dinamarca	20,80	20,81
Praga	20,80	20,81
Buenos Aires	20,80	20,81
Vienna (100 coras)	20,80	20,81
Reunimarcas ouro	20,80	20,81
Agio do ouro 1/2	20,80	20,81
Libras ouro 1/2	20,80	20,81

ESPECTACULOS
TEATROS

«F. C. C. A. 21» — Benamor.
A. 15 — Concerto.
F. C. C. A. 21 — Inglês...
F. C. C. A. 21 — «Outro eu» e «Vem cá não vês medos».
A. 15 — Concerto.
F. C. C. A. 21 — «Mela Real».
F. C. C. A. 21 — «A semana dos 9 dias».
F. C. C. A. 21 — «Susie».
Juventude — A. 21 — «Imãs» e «A Cilada».
M. V. V. — A. 21 — «Res-Vés».
Coliseu dos Recreios — A. 21 — Companhia de circo.
A. 15 — Matinée.
S. C. C. A. 21 — Variedades.
(Il Vicente) (A. Graça) — A. 21 — Animatógrafo.
F. C. C. A. 21 — Todas as noites — Concertos e di-
versões.

CINEMAS
Olimpia — Chido Terasse — Salão Central — Cinema
Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Pro-
moteora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-
perança — Chantier — Tivoli — Tortoise — Gil Vicente.

MALAS POSTAIS
Pelo pacote «Diniz» são hoje expedidas malas
postais para o Pará e Manaus, sendo da caixa geral
última tiragem de correspondência às 10 horas.
Amanhã, 22.
Pelo pacote «Angola» para a Madeira e Africa
Occidental. As últimas tiragens são: para registos, às
11 e das ordinárias à 1 hora da tarde.
Também por via de Marinha se expedem malas do
correu para a Índia portuguesa e Macau.
A última tiragem é às 10,40.

Aos marceneiros
Madeiras secas serradas, ótimas dimen-
sões. Preço sem competitor.
Vendem-se: castanho, freixo e nogueira.

A. PIRES
Azenhaga da Torrinhã, ao Rêgo

LIVRARIA RENASCENÇA
Obras literárias, científicas, profissionais
e artísticas de autores portugueses e estran-
geiros.
Trabalhos tipográficos, cartões e livros
de escultura, mapas de escultura, ma-
pas de decalque de cotas e de matrículas
para Sindicatos, Cooperativas, Comunas,
Juventudes, etc.
Grande sortimento em material escolar,
utilidades de papelaria e escritório, sempre
aos preços mais baixos do mercado.
Grande obra de Vitor Hugo, «OS
MISÉRABLES», ilustrada por Capas especiais
em 2 grandes volumes a 1000, acrescentan-
do 300 de porte e embalagem para a pro-
priedade.
Sempre novos artigos e novidades lit-
erárias.

Joaquim Cardoso
Rua dos Poiais de São Bento,
27 e 29
LISBOA

LIMAS

UNIAO

MARCA REGISTRADA
Pedidos aos nossos Representantes e Depo-
sitários em Lisboa: srs. Ferreira & C.ª, Lda — Cal-
çada do Marquês de Abrantes, 138 — Telef. C. 1302

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10 %
NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30400
Sapatos em verniz 30400
Botas pretas (grande salto) 30400
Botas brancas (grande salto) 30400
Grande salto de botas pretas 30400
Botas de cor para homem 30400

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,
12-20, com Filial na mesma rua, n.º 68.

CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de
todos os trabalhos que digam res-
peito à sua indústria, tais como:
edificações, reparações, limpe-
zas, construção de fornos em to-
dos os géneros, jazigos em todos
os géneros, fogões de sala, xa-
dres, frentes para estabelecimentos
e todos os trabalhos em cantarias
e mármore de todas as prove-
niências.

Telefone, C. 5339
Escritório:
Calçada do Combro, 38-R. 2.º

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metin-Auer, assim como todas as
maestras, tubos, moles, chaminés de 2
e 3 peças, lampões. Vendem-se no Largo
Central de Lisboa, n.º 15 e quiosque.
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata
na casa que fornece em melhores con-
dições.

REUMATISMO
Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,
Articular, Artrítico, Muscular
"Reumatina"
24 horas depois não tem mais dores
"Reumatina"
E' inofensiva porque não exige dieta
Preço 8\$00 —
"Reumatina"
Vende-se em todas as boas
— farmácias e drogarias —
Pó Anti-blenorrágico
E' o mais poderoso combatente das blen-
orragias crônicas e recentes. Resultados
imediatos e comprovados pelo distinto mé-
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.
Caixa 10\$00
Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Bomjardim, 440 — PORTO

Prédio
Compro entrando com censo caso o resto
fique em hipoteca a prazo. Preço e rendimento.
Carta à rua Augusta, 270, 1.º a D. G. 4175.

NO BARATEIRO DE SAPADORES
encontram-se artigos de
fazendas, retrozeiro e utilidades
pelos preços mais económicos
do mercado

As boas donas de casa devem fazer
uma visita ao estabelecimento de
Evaristo Ferreira Baptista Júnior
a rua de Sapadores, 143-R a 143-D
GRAÇA

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª
FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres,
louça esmaltada, parafusos, fun-
dos para caldeiras,
— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO IMPERIO, 86 — LISBOA — TELEF. 3930, N.º gramas, FERRAGENS

IMPORTANTE
SEGUROS MARÍTIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebrou con-
tractos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habili-
tada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e
dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices flutuantes.

Dirigir-se a

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$000 — Reservas, Esc. 749.031\$60,9

Sede em Lisboa: Delegação no Porto:
Rua Garrett, 95 — Tel. 3894 Rua Sá da Bandeira, 331, 1.º

CALÇADO
A sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos calf preto, fôrma brôa, cujo valor
em verniz, abotinados, salto Luis
XV, é de 70\$00.
a 7\$500 botas em calf, preto,
fôrma da moda, 2 gáspas e 2 so-
las corridas, cujo valor é de 100\$00.
a 30\$00 sapatos de verniz abo-
tinados e c. IX, para senhora, cujo
valor é de 60\$00.
a 55\$00 sapatos de calf cor da
moda, cujo valor é de 80\$00.
a 59\$50 grande lote de botas, sola.

a 60\$00 sapatos de verniz, de-
cotados, para senhora, cujo valor
é de 75\$00.
a 70\$00 botas calf preto cano
de cor, fôrma da moda, 2 so-
las corridas, cujo valor é de 90\$00.
a 30\$00 grande lote de sapato-
s, calf cor, para senhora, aboti-
nados e c. IX, salto de pau e de
sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL
Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas
que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

O MELHOR ANTI-BLENORRÁGICO
CURA PURGAÇÕES E PROSTATITES SEM INJEÇÕES
Caixa 18\$00
Rua da Escola Politécnica, 16 e 18
LISBOA

António Fraga, Suc.ª
OURIVES-JOALHEIRO
Rua da Palma, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e fregueses que continuo vendendo todos os
artigos de ourivesaria e joalheria, por preços com os quais ninguém pode
competir, embora haja quem se incomode por eu estar vendendo tão barato.
Peço uma visita à minha casa. Temos anéis com pedras finas, desde 30\$00.
Confrontem a qualidade dos brilhantes e os seus preços, e verão depois
quem melhor e mais barato vende.
Há sempre artigos em 2.ª mão renovados com pouco feito.
Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a rua da Palma
TELEFONE 3676 NORTE

A BATALHA Vende-se em todas as tabacarias

Milhares de curas

SE DEVEM AO HERPETOL

Unico remédio eficaz para as doenças de PELE
Esta criança foi torturada por uma forte coceira.
Depois de ter usado várias pomadas e outros ingre-
dientes que os pais aconselhavam, resolveram con-
sultar o medico, o qual recebeu um frasco de HER-
PETOL.
A pele, que tinha a aparência escamosa muito irri-
tada, tornando a criança a um permanente coçar, logo
as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sen-
sivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco
todas as manifestações haviam desaparecido.
E' recomendado em todos os casos de eczema
humido e seco, manchas, erupções, espinhas e mórde-
duras de insetos.
A venda em todas as farmácias e R. da Prata, 257,
Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

TUDO AOS MONTES

VASCO MOURÃO
Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

CAMAS E COLCHÕES
ninguém vende mais barato
RUA POAIS DE SÃO BENTO, 37

Telha de Marselha
Tijolo furado
VASCO MOURÃO
Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

Madeiras
Taboado 12 palmos.
Solho à Portuguesa.
Fôrro em tóco e aparelhado.
Preços sem competência.

BANCO DE PORTUGAL
Dividendo de 28\$00 por acção

O pagamento deste dividendo, relativo
ao 2.º semestre de 1924, cativo de impostos
sobre a aplicação de capitais e das duas
avencas de selo de averbamento e contri-
buição de registo, decretos n.ºs 4692, 4748,
8719 e leis n.ºs 1368 e 1668, há de começar
amanhã, 28 do corrente das 10 às 13 e con-
tinuará em todos os dias úteis.

O imposto sobre a aplicação de capitais
na importância de 3596 por acção, incide
sobre todas as acções, quer averbadas ao
portador, quer nominativas, a avença de
selo de averbamento na importância de 321
incide somente sobre as acções nominativas
e a avença da contribuição de registo na
importância de 1518 sobre as acções aver-
badas ao portador.

Nos recibos a pagar aos srs. Accio-
nistas figurará somente a importan-
cia líquida, pagando-se por cada
acção nominativa a quantia de 23\$83
e por cada acção averbada ao por-
tador 22\$86.

Recomenda-se aos srs. accionistas, para
regularidade de serviço, que mencionem os
títulos averbados ao portador em relações
separadas das dos títulos nominativos.
Lisboa, 27 de Fevereiro de 1925.

Pelo Banco de Portugal
Os Directores
J. Mota Gomes Júnior
Assis Camilo

Purgações
CURA infalível e radical em 3 dias com
o afamado
SECANTE BARTHE
Preço 15\$00 — Delo correio aculio 16\$00
VIVIA SIMÕES & TEIXEIRA
RUA DOS VINHUELOS, 236
E OUTROS DEPOSITOS

Purgações
CURA infalível e radical em 3 dias com
o afamado
SECANTE BARTHE
Preço 15\$00 — Delo correio aculio 16\$00
VIVIA SIMÕES & TEIXEIRA
RUA DOS VINHUELOS, 236
E OUTROS DEPOSITOS

29-2-1925

OS MISTERIOS DO POVO

vel para o escravo. Os seus gritos alegres, as suas
cantigas desordenadas, grosseiras e licenciosas, reti-
niam ao longe; e de vez em quando repetiam com
frenesi estas palavras pronunciadas guturalmente por
Pedro o Sovina com voz rouquenha:

— «Morte aos sarracenos! vamos libertar o santo
sepulcro! Deus o quer!» Ou então repetiam como o
cavaleiro gascão Gauthier o Pobretão: — «Para nós,
Jerusalém, a cidade das maravilhas! para nós, Jeru-
salém, a cidade do bom comer, do bom vinho, das
formosas mulheres, do ouro e do sol! para nós, a terra
prometida!»

Este troço, cantando, dançando e berrando de ale-
gria, atravessou a aldeia, e passou por defronte da
cabana de Fergan; os servos em lugar de se dirigirem
aos campos para começarem os seus rudes trabalhos,
corriam ao encontro da multidão, então comprimida
entre as duas correntes de albergues que orlavam o
caminho. Joana, em pé no limiar da sua porta, via
passar esta turba com um misto de surpresa e de
terror. Um homem, de rosto escarnejado e feroz,
alinhado pelos seus companheiros Correntino Escar-
nece da Força, dava o braço a uma rapariga gentil,
pôsto que as suas feições já estivessem estragadas
por uma devassidão precoce; esta creatura chamava-se
Pedrinha a Ribalda. Ela avistou a pobre Joana a
Corcunda em pé no limiar da chloa, e gritou-lhe, fa-
zendo alusão à sua deformidade:

— «Ólá! tu que já andas com a bagagem as costas,
vem connosco a Jerusalém!»

— Pelo embigo do papa! tens razão, minha Ribal-
da! exclamou Escarnece da Força; não devem haver
corcundas em Jerusalém, o país das formosas sarra-
cenas, como diz o nosso amigo Gauthier o Pobretão.
Mostraremos essa corcunda por dinheiro... Vamos!
disse o bandido agarrando Joana pelo braço, se-
gue-nos!

— Sim, sim, acrescentou Pedrinha rindo as garga-
lhadas e agarrando no outro braço da mulher do Ca-
bouqueiro, vem connosco a Jerusalém!

— Deixem-me, dizia a pobre Joana forcejando
quanto podia, por piedade deixem-me! Estou à espera
de meu marido e de meu filho. Mas recendo ser pi-
sada aos pés ou morrer asfixiada, não lutou contra a
torrente.

De repente, em lugar de continuar a avançar, a
multidão reflectiu, e estas palavras correram de boca
em boca:

— Silêncio! Cuco o Sovina e Gauthier o Pobretão
vão falar, silêncio!

Então tudo se calou, o frade e o seu compa-
nheiro, parando no meio de um vasto terreno onde
estavam refinidos e embasbacados os servos da aldeia,
começaram a falar aquela pobre plebe rústica, e Cuco
o Sovina fez parar a sua mula branca, e pondo-se em
cima da sela, exclamou com voz rouca e estridente,
dirigindo-se aos servos do senhorio de Plouernel:

— Não sabem, cristãos, meus irmãos, não sabem
o que se passa na Palestina; em quanto estamos aqui
nesta aldeia? O divino tumulto do Salvador do mundo
acha-se em poder dos sarracenos! sim! sim! acha-se
em poder dos infieis, o santo sepulcro de Nosso
Senhor! Desgraça! desgraça! maldição! maldição!

E o frade bateu no peito, rasgou o habito, revirou
os olhos encovados no fundo das orbitas, rangeu os
dentes, fez mil contorções em cima da mula, e conti-
nuou com fúria crescida:

— Pois o infiel reiza como senhor em Jerusalém,
a cidade santa! o malvado insulta com a sua pre-
sença o tumulto do Cristo! e nós, cristãos, meus ir-
mãos, consentiremos um tão horrível sacrilégio?

— Não, não! gritou a uma voz a multidão dos cru-
zados que acompanhavam Cuco o Sovina e Gauthier
o Pobretão; morte aos infieis! livremos o santo se-
pulcro, vamos a Jerusalém! Deus o quer! Deus o
quer!

Os servos da aldeia, ignorantes estúpidos e timi-
dos, abriam os olhos, os ouvidos e encaravam-se uns
aos outros, não sabendo o que era Jerusalém, os sarra-
cenos nem tão pouco compreendendo a fúria e as

contorsões do frade; por isso o velho servo, chamado
Martinho o Aconselhado (aquele mesmo que dois dias
antes se tinha arriscado a expôr ao baílo as misérias
dos seus companheiros) disse timidamente a Cuco o
Sovina:

— Santo patrono, visto que Nosso Senhor Jesus
Cristo está no céu à direita do padre eterno, o que
tem Nosso Senhor Jesus Cristo que o tumulto onde foi
metido esteja em poder daqueles que se chamam sarra-
cenos?

— Desejavamos saber, replicou outro servo, rapaz
que parecia menos estúpido que os outros; pergun-
tamos-te primeiro isto, depois faremos mais pre-
guntas.

— Oh! oh! disse o cavaleiro gascão, pela minha
valerosa espada a Comadre da Fé! sempre és muito
preguntador. Como te chamas, meu rapaz?

— Chamo-me Nicolau Manta de Toucinho.

— Tão verdade como o presunto ser amigo do vi-
nho, tu deves também ser parente de meu compadre
Simão o Sarrador, respondeu Gauthier o Pobretão
no meio das gargalhadas dos servos, que aplaudiram
esta saída. Ora, tu perguntas-me, não é verdade, meu
digno Nicolau Manta de Toucinho, o que tem Nosso
Senhor Jesus Cristo que o seu santo sepulcro esteja
em poder dos sarracenos?

— Sim, senhor, replicou o jovem servo; porque
enfim, se isso lhe dá cuidado, visto ser Deus, porque
não os extermina ele mesmo? porque não faz em pa-
pas com um só gesto os tais sarracenos?

— Desgraça! abominação! infeliz do mundo! ex-
clamou Cuco o Sovina com gestos frenéticos, cortando
a palavra ao aventureiro gascão, que se preparava
para responder. Pois não sabem, cristãos, meus ir-
mãos, que Nosso Senhor Jesus Cristo disse: «Ah!
gente sem fé, impios! dei-lhes o meu sangue para os
resgatar...»

— Para nos resgatar de quê e de quem! perguntou
Nicolau Manta de Toucinho cocando na orelha. Ser

vos foram nossos pais, servos somos, servos serão
nossos filhos!

A pergunta de Nicolau Manta de Toucinho con-
fundiu sem dúvida o frade, porque revirou os olhos,
corcovou-se novamente sobre a mula e continuou com
voz trovejante:

— Maldição! Ah! gente de pouca fé! dei-lhes o
meu sangue para os resgatar, e em paga disso não
me dão o sangue desses sarracenos malditos, que to-
dos os dias ultrajam o meu sepulcro! Foi isto que
disse o divino Salvador... ouvem?... foi o que ele
disse!

Depois Gauthier o Pobretão continuou:

— Pois esses malditos sarracenos estão fartos de
ouro, de pedrarias, de baixela; habitam um país ma-
ravilhoso onde vivem na abundância, sem que se deem
ao trabalho de cultivar aquela boa terra, onde encon-
tram bom trigo dourado, frutos deliciosos, vinhos afa-
mados, rebanhos magníficos! Ah! meus amigos,
acrescentou o gascão em forma de parentese, que
pais, que prodigioso país! é preciso vê-lo para acre-
ditar em tudo isto! Figurem que o inverno é ali des-
conhecido, e a primavera eterna; os mais pobres dos
seus habitantes possuem casas de mármore branco e
jardins encantadores ornados de cristalinas fontes; os
mendigos, vestidos de seda, jogam com rubis e dia-
mantes.

Um murmúrio de admiração circulou entre os ser-
vos; com os olhos fitos, boquiabertos, de mãos postas,
escutavam com avides o aventureiro gascão, que conti-
nuou:

— «Tal é pois o milagroso país habitado por esses
sarracenos, e os cristãos, os filhos queridos da santa
Egreja católica, habitam covis, comem pão negro,
bebem água salobra, tremem debaixo de uma tempe-
ratura de gelo no inverno! isso não é justo... Não, que
os meus queridos filhos venham libertar o meu santo
sepulcro, exterminar os infieis, e obterão em recom-
pensa as terras prodigiosas da Palestina! para eles,



PÁGINAS ALHEIAS

O PATRIOTISMO

por Vitor Griffuelhes

Conforme se é um assalariado ou um possuidor, assim é a concepção que se tem da pátria. O homem que pretende ser um estadista ou o que vive da pátria ou o que paga para ela, têm maneiras diversas de considerar a pátria. Tudo isto quer dizer que há tantas concepções de pátria, como de categorias de homens, ou antes de interesses.

O homem que vive bem, sem cuidados pelo dia seguinte, pode dissertar a vontade, por mera especulação filosófica, por dilettantismo, sobre a palavra pátria. Mas o operário que vive do seu trabalho, onde o operário não pode conceber a pátria do mesmo modo. Se durante a minha vida eu tivesse meu espírito, talvez pudesse pertencer ao número dos que se dizem «socialistas patrióticos» internacionais. Mas tive por principal preocupação assegurar a satisfação das primeiras necessidades materiais. O teatro, as artes, a literatura, as especulações filosóficas, as construções de sistemas, quase não ocuparam a minha vida; em primeiro lugar, por ser pobre, não pude adquirir a instrução necessária para os prazeres do espírito, e depois porque, tendo que ganhar o pão quotidiano, não teria tido nem o tempo nem a possibilidade de os possuir.

Por consequência todo o problema social se estabelece para mim em condições filhas da minha experiência, dos meus meios de existência, das minhas necessidades. E como o meu saber não é o dum Jaurès, como os meus meios de existência não são os dum Gêral-Richard e como as minhas necessidades não são as dum Schneider, não concebo a pátria como eles.

A pátria, diz-se, é o conjunto das tradições, o património dum povo; é uma porção do solo do nosso planeta; é a região onde se vive, tendo assegurada a satisfação das próprias necessidades. Ora as tradições morais do nosso país e o seu património, para mim é como se não existissem, por não os poder estudar e conhecer; a menor parcela do solo não me pertence, e a existência que tenho nele, está longe de me satisfazer as necessidades.

Sou estranho a tudo que constitui a vida moral do meu país, não posso coisa alguma, tenho que alugar os braços para poder comer. Portanto, nada do que para alguns constitui a pátria, existe para mim. Não posso por consequência ser patriota.

Porque havia de ser patriota? Para defender esse famoso «património moral», as nossas liberdades? Mas de cada lado da fronteira, cada povo fala no seu património moral.

Isto quer dizer que pode haver diversos patrimónios e que o património moral da Alemanha não é composto dos mesmos elementos que o da França. E todavia a Alemanha produziu um sábio como Koch e a França um como Pasteur; a primeira alante os seus grandes homens e o mesmo acontece à segunda. E Koch, Pasteur e todos os grandes homens, mais ou menos trabalharam para o progresso humano. Na verdade não há um património nacional, há um património social; não há um génio particular, há um génio humano, expressão dos conhecimentos que os homens têm adquirido em todos os países.

Pretende-se que a diferença de costumes, de línguas justifica a pátria? Mas em França os costumes do norte não são os do sul, nem os da Bretanha; a língua do sul não é a do norte, nem a da Bretanha; são ainda muito numerosos os meridionais e os bretões que não sabem falar francês.

Se se pretende que as fronteiras traduzem interesses diversos, é fácil responder que em França há tantos interesses como regiões. A questão do regime das bebidas e a crise vitícola são exemplos disso. Homens politicamente amigos, são adversários neste ponto.

Podia acrescentar que o mesmo acontece com todas as questões de ordem económica. O cultivador de beterraba deseja que se consuma muito açúcar; o viticultor entende que se consuma pouco de mais. Na Alemanha observa-se o mesmo facto. Os meios agrícolas, em questões económicas, raramente estão de acordo com os meios industriais. Todavia os cultivadores de beterraba, os viticultores, lavradores e industriais, todos se sabem pôr de acordo contra as reivindicações operárias! Não! a pátria não é a reunião de interesses idênticos. A produção demasiada e desordenada do nosso meio social não permite que se afirme e prove essa identidade.

A pátria e as liberdades políticas

As nossas liberdades? Suponhamos que elas são maiores do que as que os outros povos disfrutam, a Alemanha por exemplo. Nas polémicas ocasionadas a propósito das declarações de Hervé, mostrou-se o espectro ameaçador da reacção alemã, aliada à autocrática Rússia, lançando os seus exércitos sobre a nossa fronteira, para esmagar as nossas liberdades. O nosso interesse, dizem os Jaurès, os Gêral-Richard e outros, manda-nos marchar para a defesa dessas liberdades.

O patriotismo assim encarado, consiste em salvaguardar direitos adquiridos. Estes só podem ser ameaçados pelos países que os não possuem. A Alemanha, diz-se, pertence a esse número. Por consequência, se amanhã a França «democrática» se lançasse sobre a Alemanha para lhe dar as nossas liberdades, os socialistas alemães deviam recusar o seu concurso à burguesia do seu país na defesa contra o invasor. Que digo? Deviam aliar-se aos franceses para os ajudar a vencer, afim de estabelecer as liberdades reconhecidas por eles como necessárias. E no entanto, os chefes da social-democracia alemã proclamam a sua resolução de defender o país contra qualquer invasão. Que quer isto dizer, senão que os argumentos invocados derivam dum sentimento não raciocinado ou interesseiro? Ora os trabalhadores não podem ser interessados na questão, porque são eles que pagam todas as despesas da guerra; e não se devem deixar guiar às cegas por um sentimento.

Se é preciso defender as nossas liberdades, é preciso dizer-se que todos os povos tendem para as possuir. Por outras palavras: todo o povo que não gozasse de liberdades, não saberia defender-se dum invasão. No actual estado de coisas e do que

resulta destas polémicas, apenas a Inglaterra e a França deveriam ser patriotas, pois que são os dois países mais liberais da Europa. Foi o que não disseram os patriotas internacionais, embora seja aquela a consequência do seu raciocínio. E não o disseram, porque a sua atitude está longe de inspirar-se em intuições confessáveis.

A pátria e a classe operária

Diz-se que é necessário defender-se do solo da pátria! Não vejo nisso inconveniente, com a condição de que os defensores sejam os proprietários daquilo que defendem. Ora os factos dizem-nos que é o proletário quem, como sempre tem acontecido, é chamado a defender o solo da pátria, apesar de não possuir nenhuma parcela dele.

Enquanto os possuidores ficariam confortavelmente instalados em suas casas, entre os seus, os trabalhadores iriam morrer para lhes defender os haveres, depois de deixarem a sua família na miséria. O interesse do operário não pode indefinidamente conciliar-se com semelhante papel!

O interesse operário deve ser tirado da situação social do trabalhador e é essa situação que é preciso estabelecer. O proletário se é afeiçoado ao solo onde nasceu e viveu, é apenas pelas recordações que a ele se ligam. Quando é homem feio, vê-se muitíssimas vezes obrigado a afastar-se, para ir em busca do trabalho com que possa viver.

Afastar-se por falta de trabalho, ou porque, no desejo de obter uma melhoria de situação, se atreveu a reclamar um salário mais elevado e o patrão o despediu, pondo os outros patrões de sobreaviso a seu respeito. Assim se vê obrigado a deixar o lugar que o viu nascer, a andar de terra em terra, pedindo trabalho, parando onde uma oficina lhe abre as portas. Ali se instala, trabalha, vive; ali constitui família e cria os filhos. E lá que é a sua pátria! Durante o tempo que percorreu a terra como um vagabundo, atravessou uma fronteira? Que importa! Deixara uma terra que se tornara para ele inhospita, até que encontrou outra onde pôde vender o seu trabalho.

Sabe-se enfim como a ideia de pátria é mantida, explorada pelos dirigentes, para justificar a existência dum exército, cujo papel se determinou nos movimentos operários dos últimos tempos; sabe-se qual o acordo que existe entre dirigentes e capitalistas, para que a exploração do trabalho seja o mais completa possível. Seria por isso ocioso da minha parte, demorar-me mais sobre esta questão, que toda a gente conhece, tão evidente aquele acordo se mostra.

Em resumo, digo: o proletário não pode ter uma pátria; não pode ser patriota. Os defensores do patriotismo encontram falta de nobreza nestas palavras, denotando um espírito mesquinho, porque reduzem as questões que apaixonam os «grandes» espíritos, a um ponto de vista material e por consequência estreito. Que esses abandonem os seus privilégios, desçam à mina ou entrem para a oficina, se exponham aos raios ardentes do sol de verão ou aos frios rigorosos do inverno; que ganhem o pão que comem, com um trabalho rude e de muitas horas em cada dia e depois não de ver se lhes é fácil estabelecer teorias em alturas aonde o vulgo não chega.

E' tão fácil filosofar sobre a ideia de pátria, quando se acaba de meter no cofre as rendas das propriedades onde outros trabalham, ou quando se sai de casa do notário, depois de se ter assinado a escritura de compra dum bella casa de campo!

Queixas e reclamações

A polícia e as multas

Queixa-se-nos Carlos Baptista de o terem multado por trazer numa cêgada um rapaz com trajes femininos. Essa multa constitui um absurdo pelo facto de o governo civil o ter autorizado a exibi-la nas ruas.

Salão da Construção Civil

Hoje às 20,30 horas realiza-se o 2.º concurso de cêgadas sendo a inscrição pela ordem seguinte:

- 1.º—Entre-acto dramático Luz Redentora, autor Júlio Guimarães.
- 2.º—Terceito Social O Cavador, autor J. F. Brito.
- 3.º—Entre-acto Social, A Caminho do Futuro, autor Manuel Soares.
- 4.º—Luz e Ciência, autor Henrique Rego.
- 5.º—Moralidade, autor Firmino Reis.
- 6.º—Pantomimeiros e Povo, autor J. M. R.
- 7.º—A Primo de Rivera, autor Henrique Logiosa.

O júri é constituído pelos seguintes cultores da poesia popular:

Artur Inês, José Junca, Martinho de Assunção, José Dias Afonso e Alfredo Rodrigues.

Cêgadas classificadas ontem no 1.º concurso e júri composto por Henrique Rego, João Linhares Barbosa e Francisco Viana: 1.º prémio Anjo de Arte, de Raúl Carreira; 2.º prémio O Despertar, de Carlos de Oliveira; 3.º prémio A Verdade no Golgotha, de J. dos Santos; 4.º prémio Cinismo, Gengra e Revolta, de A. Paiva.

FESTAS ASSOCIATIVAS

A do Sindicato dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro

Comemorando o 5.º aniversário da reorganização do Sindicato dos Barqueiros e Fragateiros do Rio Douro e com o concurso de vários militantes da classe operária, realiza-se hoje, às 15 horas, uma sessão solene na sede.

A direcção deste organismo convida os sócios e suas famílias e a classe operária em geral a abri-lhantarem com a sua presença esta festa.

As consequências da política fascista

Prossegue sem cessar a guerra civil na Itália, dolorosa e sangrenta para as duas partes em luta

Para aqueles que ainda pensam em implantar regimes à semelhança do fascista e do riverista, com o fim de pacificar e estabelecer a ordem na sociedade burguesa, vamos citar alguns factos passados ultimamente na Itália, e que não são mais do que a repetição de lá sempre tem sucedido, desde que o Mussolini tomou conta do poder.

Violências das camisas negras

Em Carrara os correspondentes e enviados especiais dos jornais de oposição de Milão, Roma e Génova, que ali tinham ido para colher informações sobre a recente greve, foram agredidos e feridos pelos fascistas.

No hospital de Piacenza morreu o ex-combatente cego, Luís Labati, em consequência de maus tratos que recebeu dos fascistas em Setembro último.

Fascistas encasacados devastaram um café e feriram à bengalada várias pessoas em Colognola, no Plano (Bergamo).

Em Verese foi agredido pelos fascistas um inválido de guerra, e em Campi Bisenzio, Saló, etc., vários ex-combatentes.

Em Florença os fascistas organizaram um cortejo, e durante ele invadiram, devastaram e incendiaram as instalações do diário «Nuovo Giornale».

A reacção contra as violências fascistas

Foi agredido e ferido gravemente em Roma por dois ou três ex-combatentes um velho fascista. Outros três fascistas foram feridos por camponeses perto de Calosco d'Ada.

Houve conflitos na região de Bergamo entre camponeses do partido popular e fascistas, tendo havido feridos dum parte e doutra. Em Borgasatello dois fascistas foram espancados por subversivos.

Em Musocco (Milão) houve de noite troca de tiros entre os fascistas e um grupo de operários subversivos, tendo ficado morto o jovem fascista Vittorio Agnucchi e um outro ferido.

Em Nápoles, os estudantes ao abrir-se a Universidade fizeram uma clamorosa manifestação anti-fascista, ao grito de: «viva a liberdade», etc.

EM COIMBRA

A questão dos «mínimos» volta à tela da discussão

COIMBRA, 27. — Sempre que os maldadados recibos da maldadada câmara deste burgo, que é pertença de certos barões da sota, circulam no propósito de serem trocados por cêdulas ou notas que representem o valor do produto consumido, o clamor dos municípios ergue-se alto, tendo nós de fazer côr com eles porquanto é nossa missão defendê-los, como de resto a todos as vítimas desta sociedade tam mal constituida.

E' certo que a câmara «legisla» para que os recibos em vez de circularem de três em três meses, passassem a mês a mês, favorecendo é certo, um pouco, os contribuintes que muitas vezes devido às necessidades da vida não podiam pagar — no entanto, o roubo no preço da água devido ao fornecimento em contos de «mínimos» continua em pé!

E' o caso de um individuo ter de pagar três metros não chegando às vezes a gastar um, ter de pagar 12500 em vez de 4500!

Os clamores até aqui eram de três em três meses. Agora passam de mês a mês. Ainda bem, porque será mais continuo e há-de provocar maior protesto.

O que é necessário é que todos se unam na luta contra esses «sotas», porquanto parece-nos tratar-se de «beijos de mãe» em virtude das eleições estarem próximas...

Entretanto o povo que se una e repita aquela jornada de há tempos, indo até às duas sessões da Câmara fazer ver que está disposto a não ser mais espinhado. Acertamos? — C.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado avistouse ontem com o ministro da Justiça sobre a entrega de um requerimento de um preso que se encontra fora da capital, para o que o referido ministro mandou entregar o mesmo requerimento na comissão prisional pelo que o delegado deste Secretariado o foi pessoalmente entregar à referida comissão prisional pedindo-se a brevidade que o mesmo requer.

Também aproveitou o Secretariado e tratou com o ministro sobre a situação dos foros em que parte da classe rural se encontra muito cercada em consequência de como se tem interpretado a referida lei. O ministro disse que no Senado já se tratou do assunto e trataria dele como deve ser tratado mas que achava necessário enviar-lhe a representação que nesse sentido já este Secretariado tinha enviado ao governo.

Também o Secretariado esteve no Limoeiro onde falou com o sr. Abílio Soeiro sobre o envio dos presos sociais para Monsanto, dizendo-nos aquele senhor que só o dr. Pestana Júnior poderá resolver o referido caso, porque é de facto o verdadeiro director daquela cadeia.

Ficam por este avisadas todas as famílias dos presos sociais que se encontravam no grupo B que foram todos transferidos para o Forte de Monsanto.

Este Secretariado vai brevemente com o advogado tratar do caso dos presos em Alenquer.

CONSULTAS NO PORTO

Hoje, às 15 horas, o dr. Campos Lima dá as suas costumadas consultas na sede da U. S. O. do Porto a todos os operários confederados que apresentem as suas cadernetas em dia.

RESPIGANDO...

O burguês e o trabalho

Nós somos os que não temos que perder! Porque tudo nos roubaram. Vamos em marcha, cantando canções heróicas onde tremem as vibrações da voz de Spartaco, o Surto e ambula dum legião de famintos...

Nós somos os que não temos que perder! E sabes por quê, Burguês?

Porque andamos, desde pela manhã até à noite, a fazer-te o Capital com o suor do nosso rosto. Nós andamos com os nossos braços a criar o inimigo. O leite que geramos envenena-lo tu: é energia criadora, torna-lo energia inimiga. Nós somos como a Isis tendária; tu és como o filho de Tifão.

Tu bebes-nos o sangue. E o teu sangue vermelho é feito do nosso sangue. Asfixiamos o vapor das tuas fábricas; andamos trabalhando cinco horas por dia para ganhar seis vintens e para te produzir cem contos.

E por isso — nós não temos que perder! E por isso avançamos. Porque uma força nova nos ergue dos tumulos onde vivemos, e vamos a pôs dum Mundo perdido. Afastai-vos, vós os que temeis! não queremos maguar-vos o corpo, nem queremos enjornar-nos de vós, Afastai-vos depressa, nós somos uma calamidade que passa.

Passamos as Fábricas...

Que é do Pão?

Mas olhem a indústria moderna. Como tu a amas, Burguês! Ouvimos dizer que é o orgulho do nosso século. Sim, isto que nos malha — é o orgulho do nosso século. Contemplem esses prodígios de mecanismo, os milagres dos engenhos, a pressa nervosa dos engoblos. Admirai, esfomeados, caí de cócoras, miseráveis! Não tendes pão em casa? Mas, deveis alegrar-vos, porque isto é o orgulho do nosso século! Como deve encher-vos de satisfação o vermos que produzimos automóveis tão ricos, toilettes tão luxuosas, máquinas tão necessárias... e que temos os filhos tuberculosos!

A tua indústria! ah! a tua indústria é como um velho monumento egípcio! derreia os braços dos miseráveis; alimenta-se da fome dos vencidos.

Mas tu disseste: Eu amo o trabalho e os que trabalham!

Bravo, Burguês! Tu tens uma alta consciência moral!

Obrigado! Obrigado pelas tuas palavras. Olhai, desgraçados dos mundos! olhai, esfaçados das sargentas, ó aves noturnas das minas! Aclamai esse homem que vos ama, porque voçs trabalharam.

Tendes fome? desfalece-vos a mulher nos braços? e os filhos pedem pão? Mas aclamai, aclamai este homem que ama os que trabalham.

Oh! mas eu bem ouço a vossa voz ardente! Desprezai essa fera que quer perpetuar o seu roubo! Desprezai esse bandido que ama o nosso trabalho!

(Da Alma Nacional)

RAUL PROENÇA

Secção telegráfica

C. G. T.

Subscrição rural. — Fizemos entrega no ministério dos estatutos dos rurais de Vila Boim.

Subscrição de comensais. — Remetemos os apêndices para o Ministério do Ministério dos estatutos da Associação de Conservas de Peniche.

Federações

S. U. Mobilidade de Braga. — Recebemos officio; o expediente segue amanhã.

A reacção move-se em Portalegre

PORTALEGRE, 26. — A reacção vai estendendo, muito à vontade, os seus tentáculos nesta localidade.

Não contentes de ocuparem já muitos cargos políticos preparam-se para assaltarem outros mais.

O cardeal patriarca e seus seqüizes não cessam na sua propaganda contra a liberdade e a democracia assim, e seguindo as pisadas do seu inteligente antecessor o actual bispo desta terra a quem decerto já não satisfaz o muito que tem feito as celebradas «Filhas de Maria», que a troca de guloseimas e brinquedos, arrastam as pobres filhas do povo, até aos antros de embrutecimento e escuridão, que são as igrejas; nas prédicas que anda fazendo nas igrejas da sua diocese difama e combate a República.

Uma bruxa católica...

Num dos dias da última semana, uma mulherzinha por aqui muito conhecida, não só pelo mister que exerce de vendedeira ambulante, se não ainda por ser muito temente a Deus, apareceu no forno dum das mais importantes padarias da cidade a solicitar que lhe cosessem o conteúdo dum panela que manhosa e surreitadamente conduzia debaixo do challe. Como o camarada forneiro desconfiasse de tam abafado e misterioso manjar, destapou a panela e então, oh! céus, que em vez de bondade de Deus que a proprietária tanto apregoa, apareceu lá dentro a alma e o poder do Demónio, disfarçado em mochos, sapos, salamandras e outros bichos de igual espécie.

Não se sabe ao certo, para que seria um tão esquisito cosinhado, mas a avaliar pelo que diz o vulgo, vivava a uma dessas mesnhas em que é fértil a credulidade e a ignorância popular.

Ignoro se a policia se meteu no assunto, mas cá muito por certas cousas desconfiar bem que não, pois a citada mulherzinha além de religiosa, quando mantinha o pacto com o diabo, é muito armadura a pessoa politica e neste caso... e melhor será assim, pois seja tudo à conta das velharias que a igreja criou e a república mantém. — C.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 2 desta revista intitulada «Florecimento», de Federica Montseny.

PREÇO: \$50. — Pedidos à administração de «A BATALHA».

AS VITIMAS DO REGIME BURGUEZ

Novamente é adiado o julgamento de Arias, Quirós e Rivera

A burguesia capitalista de Cuba, que como o tigre sedento de sangue se prepara para saltar sobre os três militantes operários Arias, Quirós e Rivera, adiou novamente o julgamento destes camaradas, talvez por julgar que ainda não chegou o momento propício de os poder dilacerar à vontade.

De toda a parte surgem os protestos do operariado revolucionário, e é isso que está fazendo hesitar os chacha da magistratura cubana.

Um esforço para se salvar Sacco e Vanzetti

O terrível drama judicial de que são protagonistas Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti aproxima-se da sua fase final. E' provável que no mês de Março p. f. sejam eles julgados pelo Supremo Tribunal de Justiça, que ratificará, sem dúvida, a infame sentença de morte, se o proletariado não intensificar agora as suas manifestações de solidariedade às duas vítimas dos rancores da burguesia capitalista da América do Norte.

Portanto, para a vida e liberdade de Sacco e Vanzetti, é necessário agora intensificar-se uma campanha de agitação que faça intimidar a plutocracia do dollar.

CONFERÊNCIAS

«A organização operária»

Promovida pelo Sindicato dos Trabalhadores de Limpezas e Pinturas de Navios no Porto de Lisboa e na respectiva sede realiza a camarada Bernardino dos Santos, na próxima quinta-feira, uma conferência sob o tema «A organização operária».

O Sindicato promotor desta conferência convida os seus associados a comparecer.

«O momento que passa»

Na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão, realiza hoje, pelas 18 horas, o dr. sr. Ramada Curto uma conferência sob o tema «O momento que passa».

A necessidade da Caixa de Assistência aos Marítimos

O Sindicato dos Mestres, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, no intuito de levantar o moral dos seus sindicados no sentido de os interessar pelos assuntos de carácter educativo moral, social e ideológico, resolveu promover uma série de conferências, para o que já conta com vários elementos de valor no meio social.

A primeira conferência tem lugar hoje, pelas 14 horas, sendo conferente José dos Santos, official da marinha mercante, que desenvolverá o seguinte tema: «A necessidade da Caixa de Assistência e Previdência aos Marítimos».

A educação popular pelo teatro

O professor sr. Cesar Porto realiza hoje, pelas 21 horas, na sede do sindicato dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.ª, uma conferência subordinada ao tema «A educação popular pelo teatro?».

A entrada é pública.

A greve dos tanoeiros de Gaia

GAIA, 28. — Reúniram hoje, para resolverem o caminho a seguir em face do movimento na casa Cok Burns Smiths, os operários tanoeiros em greve. Depois de ouvirem as considerações dos delegados da C. G. T., Joaquim do Carmo e Mário de Carvalho, resolveram prosseguir no caminho da luta até que justiça lhes seja feita.

Aprovaram a seguinte moção: «Os tanoeiros da casa Cok Burns Smiths, actualmente em greve, refinidos em sessão magna, na sua sede social, e ouvindo as considerações dos delegados da C. G. T., resolvem declarar publicamente o seguinte:

1.º Que já mais retomarão o trabalho sem que lhes seja indicado o caminho pela direcção e outras comissões encarregadas de dirigir o presente movimento grevista.

2.º Criar um comité secreto que de harmonia com o comité dos trabalhadores de Armazens de Vinhos, aja dentro dos princípios de luta de classes, e ale onde as circunstâncias o exigirem.

3.º Saudar a classe dos trabalhadores de armazens de vinhos, pela maneira nobre como ontem afirmou em assembleia geral, prestando-nos a sua lial e franca solidariedade.

4.º Saudar também a Federação de Tanoeiros e Anexos, e a C. G. T., organismo coordenador dos trabalhadores organizados de Portugal.

A sessão foi encerrada aos vivas à greve, à Federação de Tanoaria, C. G. T. e a Batalha — C.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Prevenção aos corticeiros

A Associação dos Operários Corticeiros de Lisboa previne todos os quadros do país para não irem trabalhar para a fábrica de Tito Sanches. No Pogo do Bispo que está empenhado em baixar os salários de cumplicidade com um operário chamado Alfredo Prôa, que já está trabalhando com o salário reduzido, dizendo que trabalharia nem que fosse a «pataco», e que os operários devem curvar-se ante os industriais, não se tendo já verificado mais defeições em virtude de o sindicato as ter impedido.

A classe deve reunir na próxima quarta-feira para decidir a atitude a tomar perante tal facto.

LER E ASSINAR Os Mistérios do Povo

Vida Sindical

C. G. T. Comité confederal

Reúne depois de amanhã, pelas 20,30 horas.

COMUNICAÇÕES

Sindicato dos Profissionais da Imprensa. — Reúnem ontem a direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, que iniciou o estudo da proposta para a obtenção da nova sede. Essa proposta deve ser apresentada à assembleia geral extraordinária, a reunir brevemente, e cuja convocação, já foi requerida.

A direcção deve conferenciar, amanhã, com o ministro do Comércio, acerca dum importante regalia para a classe.

Foram já iniciadas as necessárias diligências para a fixação dos vencimentos mínimos dos Profissionais da Imprensa, de harmonia com as resoluções da última assembleia geral.

A direcção do Sindicato deseja dar por concluídos os trabalhos relativos à concessão de carteiras de identidade, sendo, portanto, de toda a conveniência que os jornalistas que ainda não requisitaram esse documento e o desejem fazer, se apressem a formular o pedido respectivo.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Compositores Tipográficos. — Para um assunto de transcendental importância e de interesse colectivo reúne hoje, pelas 16 horas, a direcção deste sindicato juntamente o quadro tipográfico do jornal O Mundo, sendo imprescindível a comparencia de todos os membros da direcção e do quadro.

Carpinteiros Navais. — Assembleia geral, às 13 horas.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

Federação da Construção Civil. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, o Conselho Federal.

Ferrovários da C. P. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 21 horas, para apresentação do relatório e contas do 4.º trimestre de 1924 e nomeação da comissão revisora de contas, exposição dos delegados que foram em propaganda à linha e apreciar a situação que se atravessa com referência à luta das classes contra as «forças-vivas».

Alfaiates. — Reúne na próxima terça-feira a assembleia geral para nomeação da comissão escolar, discussão e votação da adesão colectiva ao Socorro Vermelho e apreciar uma circular da C. G. T.

Fragateiros. — Reúne a assembleia geral amanhã para nomeação da nova direcção.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Federação — Comité Federal. — Reúne amanhã, pelas 21 horas, para assuntos importantes.

Núcleo de Lisboa — Secção Central. — Para apreciação das teses a apresentar à conferência juvenil, reúne amanhã, pelas 21 horas, a assembleia geral.

— Reúne amanhã, às 21 horas, a comissão organizadora da festa para o congresso.

— Na terça-feira reúne a assembleia geral do Núcleo para continuação dos trabalhos pendentes.

Secção Mista do Beato e Olivais. — Foi resolvido em assembleia geral que a comissão executiva reúna com as direcções dos sindicatos da área para tratarem do levantamento moral do proletariado local. Apreciaram-se o balancete do 2.º trimestre e a tese «Organização Interna da Juventude Sindicalista», a apresentar à Conferência Juvenil. Notando-se a falta de dois delegados foi a sessão suspensa para continuar na próxima quarta-feira, às 21 horas.

Secção dos Empregados no Comércio. — Reúne na terça-feira a comissão executiva, pelas